

## CONSIDERAÇÕES SOBRE O PÚLPITO E A DOCTRINA: RESGATANDO A IMPORTÂNCIA DA PREGAÇÃO DOCTRINÁRIA

*Valdeci dos Santos\**

### RESUMO

Observa-se uma crescente tendência em meio ao evangelicalismo contemporâneo que é, no mínimo, perturbadora. Trata-se de uma rejeição da pregação doutrinária. No mundo pós-moderno, em que a própria essência e relevância da verdade são contestadas, os membros das igrejas também parecem ter perdido o interesse pelas verdades doutrinárias anunciadas pelo pregador. Analisando as Escrituras descobre-se que a negligência doutrinária não é uma prerrogativa apenas da igreja atual. O que parece agravar a crise na pregação da igreja contemporânea é a percepção de que tal indiferença doutrinária é, vez por outra, alimentada pela própria liderança eclesial, especialmente por aqueles que fazem uso do instrumento central de docência na igreja: o púlpito. Neste processo, nem os líderes nem os seus liderados parecem atentar para a gravidade e o preço dessa negligência. O objetivo deste artigo é considerar a importância do púlpito como instrumento de doutrinação da igreja, à luz do testemunho histórico, de algumas considerações teológicas e de avaliações práticas. Ao mesmo tempo, este estudo enfatiza que, devido à sua natureza como instrumento pedagógico, qualquer ensino a partir do púlpito da igreja é, em si, doutrinário. Ao final, serão oferecidas algumas sugestões para o desenvolvimento de uma pregação doutrinária que seja bíblica e relevante ao contexto presente.

### PALAVRAS-CHAVE

Púlpito, pregação, doutrinas, pregador, ministério pastoral, ensino, história da pregação, reflexão teológica e considerações práticas.

---

\* O autor é ministro presbiteriano com mestrado em Teologia Sistemática (Th.M.) e doutorado em Estudos Interculturais (Ph.D.) pelo Reformed Theological Seminary, Jackson, Mississippi, EUA. É pastor da Igreja Evangélica Suíça de São Paulo, professor de teologia sistemática e teologia prática no CPAJ e coordenador do programa de Doutorado em Ministério (D.Min.) do CPAJ/RTS.

## INTRODUÇÃO

Há um consenso entre os estudiosos da pregação de que essa atividade ministerial, bíblicamente orientada e dirigida à edificação do povo de Deus, encontra-se em uma crescente crise nos púlpitos contemporâneos.<sup>1</sup> No mundo pós-moderno, em que a própria essência e relevância da verdade são contestadas, os membros das igrejas também parecem ter perdido o interesse pelas verdades anunciadas pelo pregador. Longe de ser causada apenas por inovações litúrgicas ou questões de preferência, essa crise possui dimensões doutrinárias. Esse fato parece ter sido corretamente apreendido por Haddon W. Robinson, que observa: “O homem no púlpito se sente desprovido de uma mensagem investida de autoridade. Boa parte da teologia moderna lhe oferece pouco mais do que palpites santificados.... Para alguns pregadores, portanto, a última moda na comunicação fica sendo mais estimulante do que a mensagem”.<sup>2</sup> A desvalorização da pregação bíblica resulta da ausência de uma perspectiva doutrinária que prestigie a autoridade e suficiência das Escrituras.

Analisando as Escrituras, descobrimos que a negligência doutrinária não é uma prerrogativa apenas da igreja atual. No período bíblico, os profetas, Cristo e os apóstolos também protestaram contra semelhante descaso (cf. Is 5.24; 30.9; Jr 9.13; 16.11; Dn 9.11; Mt 12.5; At 7.53 e 1João 5.2). Talvez seja por isso que o Novo Testamento contenha tantas exortações sobre a importância do zelo doutrinário (cf. Rm 16.17; 1Tm 1.3-4; 4.16 e 2João 1.9-10). O que parece agravar a crise na pregação da igreja atual é a percepção de que tal indiferença doutrinária é, vez por outra, alimentada pela própria liderança eclesial, especialmente por aqueles que fazem uso do instrumento central de docência na igreja: o púlpito. Nesse processo, nem os líderes nem os seus liderados parecem atentar para a gravidade e os custos dessa negligência.

Em seu livro *Preaching Christian Doctrines* (Pregando doutrinas cristãs), William J. Carl III aponta três fatores como responsáveis pela negligência doutrinária da igreja contemporânea: o avanço do pluralismo, a baixa frequência nas classes de Escola Dominical e a mudança de ênfase nas pregações.<sup>3</sup> Considerando a condição da pregação atual, uma análise da relação entre o púlpito e a doutrinação da igreja parece ser altamente relevante. A pregação doutrinária tem sido sempre uma prioridade na igreja.<sup>4</sup> Quando as pessoas não conhecem aquilo em que crêem, não se pode esperar que elas

<sup>1</sup> Cf. LLOYD-JONES, D. Martyn. *Pregação e pregadores*. São Paulo: Fiel, 1984; ROBINSON, Haddon W. *A pregação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 1980; MACARTHUR, John (Org.). *Rediscovering expository preaching*. Dallas: Word, 1992; MOHLER, JR., et al. *Feed my sheep*. Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 2002; KAISER, Walter C. *Toward an exegetical theology*. Grand Rapids: Baker, 1981.

<sup>2</sup> ROBINSON, *A pregação bíblica*, p. 13.

<sup>3</sup> CARL III, William J. *Preaching Christian doctrine*. Philadelphia: Fortress Press, 1984, pp. 3-4.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p. 3. Cf. STOTT, John R. W. *La predicación: puente entre dos mundos*. Grand Rapids: Libros Desafío, 1999, pp.13-14; REISINGER, Ernert, *The priority of doctrinal preaching*. Disponível em: <<http://www.reformedreader.org/pdp.htm>>. Acesso em 02 dez. 2002.

adorem corretamente, cresçam espiritualmente ou atuem missiologicamente no mundo para o qual foram enviadas. Uma igreja ignorante resulta em uma igreja impotente, possuidora de um testemunho até mesmo contraditório.

Como compensação pela negligência doutrinária da liderança eclesiástica, as ciências do comportamento são livremente acolhidas nos púlpitos de suas igrejas. Edmund P. Clowney observa que, a fim de ser aceito pela comunidade, o ministro cristão passa a fazer uso contínuo da psicologia, da sociologia, da terapia de grupos e até mesmo da psicanálise na elaboração de suas pregações.<sup>5</sup> Como resultado dessa opção pelo pragmatismo, temos não apenas uma minimização da pregação doutrinária, mas uma crescente tendência em prol da psicologização do púlpito, em que as mensagens assumem um caráter de auto-ajuda, receitas para o sucesso e métodos para se massagear o ego humano. Há que se mencionar ainda o esforço de alguns para transformar o púlpito em um palco de eventos e o templo em um mero local de entretenimento. Em ambos os casos, tanto a doutrina quanto a pregação genuína das Escrituras são menosprezadas.

A indiferença doutrinária nos púlpitos tem recebido vários argumentos em sua defesa. Um dos mais usados por aqueles que se sentem confortáveis com essa situação é o de que o cristianismo é vida e não doutrina. A despeito da aparente santidade deste argumento, deve-se atentar para o fato de que “o movimento cristão, no seu início, não era apenas um modo de vida no sentido moderno, mas um modo de vida baseado em uma mensagem.... Em outras palavras, ele foi baseado em uma doutrina”.<sup>6</sup> Há também aqueles que insistem em que a vida cristã seja interpretada apenas como uma questão de escolha pessoal. Esses são geralmente categóricos na defesa do populismo: “A doutrina divide a igreja; o exercício do ministério a edifica”. Qual seria, porém, o resultado de um ministério desprovido de doutrina? Há que se considerar também o desserviço daqueles que, em nome da valorização da doutrina, usam o púlpito como pretexto para áridas elucubrações filosóficas, que entediam os ouvintes ao invés de alimentá-los.<sup>7</sup> Esses exemplos negativos, porém, deveriam motivar o pregador a encontrar o caminho correto no sentido de doutrinar a igreja a partir do púlpito.

O objetivo deste artigo é considerar a importância do púlpito como instrumento de doutrinação da igreja à luz do testemunho histórico, de algumas considerações teológicas e de avaliações práticas. Ao mesmo tempo, este estudo enfatiza que, devido à sua natureza como instrumento pedagógico, qual-

<sup>5</sup> CLOWNEY, Edmund P. *Preaching and biblical theology*. Nutley, NJ: Presbyterian and Reformed Publishing, 1973, p. 9. Cf. WELLS, David F. The D-Min-ization of the ministry. In: *Let God be God*. Os Guinness e John Seel (Orgs.). Chicago: Moody Press, 1992, p. 181.

<sup>6</sup> MACHEN, J. Gresham. *Cristianismo e liberalismo*. São Paulo: Editora Os Puritanos, 2001, p. 30.

<sup>7</sup> O Dr. Lloyd-Jones aborda detalhadamente este aspecto ao escrever sobre a ortodoxia defeituosa, a ortodoxia morta e a inércia espiritual como empecilhos ao verdadeiro avivamento. Nesses casos, porém, a falta tende a ser mais do pregador do que da pregação doutrinária. Cf. LLOYD-JONES, D. M. *Avivamento*. São Paulo: PES, 1992, pp. 59-96.

quer ensino a partir do púlpito da igreja é, em si, doutrinário. Ao final, serão oferecidas algumas sugestões para o desenvolvimento de uma pregação doutrinária que seja bíblica e relevante ao contexto presente.

### 1. CONSIDERAÇÕES HISTÓRICAS

Contrariando algumas tendências pós-modernas, não se pode ler a história da igreja, ainda que rapidamente, sem se perceber que a pregação sempre ocupou posição predominante na vida da igreja, especialmente no protestantismo. Deve-se ainda atentar para o fato de que:

A teologia – a verdade sobre Deus e o homem – é o que Deus colocou nos textos das Escrituras, e teologia é o que os pregadores devem extrair delas... A pregação doutrinária certamente entedia os hipócritas; mas é somente a pregação doutrinária que salvará as ovelhas de Cristo. O trabalho do pregador é proclamar a fé e não divertir os descrentes – em outras palavras, alimentar as ovelhas em vez de divertir as cabras.<sup>8</sup>

Dessa forma, uma breve revisão da literatura relacionada à história da pregação é altamente relevante para uma melhor compreensão do importante papel do ensino doutrinário no avanço do cristianismo.

O aspecto *kerigmático* do ministério de Jesus refletiu uma proclamação doutrinária (Mc 1.22, 27) e apontou para a pregação como uma prioridade do ministério cristão (Mc 16.15 e 20). É também relativamente fácil perceber a ênfase doutrinária nas pregações apostólicas (cf. Atos 13, 17; 1Co 1.23-24 e 2Co 4.5). Um estudo do sermão de Pedro por ocasião do Pentecostes (Atos 2), por exemplo, deixa evidente suas características expositivas, cristocêntricas e doutrinariamente aplicáveis. O mesmo pode ser observado na apologia de Estêvão (Atos 7) e na carta aos Hebreus, a qual mais parece ser um “sermão epistolar” (Hb 13.22). O zelo pela pregação doutrinária também encabeçava as listas de recomendações apostólicas à liderança eclesiástica da igreja do primeiro século (cf. 1Tm 4.6-7, 16; 2Tm 2.15; Tt 1.7 e 2.1). Parece próprio, portanto, afirmar que, na perspectiva neotestamentária, a ousadia na pregação não está alicerçada em um vácuo, nem em uma experiência meramente mística, mas na exposição da doutrina bíblica.

No período pós-apostólico, ainda que nem todos tenham sido unânimes na prática da pregação doutrinária, a mesma continuou ocupando um papel importantíssimo no fortalecimento e avanço da igreja. Ao descrever alguns aspectos litúrgicos da igreja antiga em sua *Primeira Apologia*, Justino Mártir (c. 100-165) enfatiza a prioridade da pregação:

No domingo, temos uma reunião de todos os que vivem nas cidades e vilas, na qual se lê uma seção das Memórias dos Apóstolos (os evangelhos) e os escritos

<sup>8</sup> PACKER, J. I. *A quest for godliness*. Wheaton: Crossway Books, 1990, pp. 284-285. Talvez tenha sido a partir desta perspectiva que D. M. Lloyd-Jones definiu a verdadeira pregação bíblica como o que ocorre “quando a teologia extravasa de um homem que está em chamas”, *Pregação*, p. 71.

dos profetas (o Antigo Testamento), tanto quanto o tempo o permita. Quando o leitor termina, o presidente pronuncia um discurso de exortação para se imitar essas coisas nobres e, logo, todos nos pomos de pé para a oração geral. Ao terminar a oração . . . trazem-se pão e vinho com água; o presidente dá graças por eles, segundo a autoridade que lhe foi outorgada, e toda a congregação responde o Amém.<sup>9</sup>

A partir deste relato, portanto, percebe-se não apenas a importância da pregação, mas também o conteúdo da mesma, ou seja, uma exposição baseada nas memórias dos apóstolos e nos escritos dos profetas do Antigo Testamento.

O zelo pelas exposições doutrinárias nesse período ainda possuía o objetivo de proteger a igreja contra as heresias vigentes. Uma das maneiras de conhecer os hereges, segundo Irineu († c. 200), era observar o fato de que eles não se harmonizavam “nem com as Escrituras nem com a tradição” e, “quando argüidos a partir das Escrituras, [punham-se] a acusar as próprias Escrituras”.<sup>10</sup> O apego às doutrinas bíblicas distinguia os crentes dos hereges.

Infelizmente, muito do zelo doutrinário na pregação foi perdido posteriormente com o surgimento dos “pregadores sofistas”, que vendiam os seus préstimos à melhor paga.<sup>11</sup> Em um comentário sobre o Salmo 36, Orígenes (c. 185-254), que define os pregadores da sã doutrina como “flechas de Deus”, lamenta o fato de que em sua época

...poucos falam a ponto de inflamar o coração dos ouvintes, arrancá-los do pecado e convertê-los ao arrependimento. Poucos falam de modo a atingir o fundo do coração dos seus ouvintes e fazer seus olhos chorarem de contrição. Poucos desvendam a luz da esperança futura, a vontade de ver o céu e a glória do reino de Deus, a pondo de persuadir o homem, através da sua pregação séria, a desprezar as coisas visíveis e procurar as invisíveis, a rejeitar as temporais e a buscar as eternas.<sup>12</sup>

Como um substituto da pregação bíblica, cada pregador sofista chegava ao “cúmulo de pregar a si mesmo ao falsear a regra da verdade”.<sup>13</sup>

A conexão entre doutrina e púlpito cristão no período dos Pais da igreja pode ser vista no fato de que os teólogos mais influentes desse período foram, ao mesmo tempo, grandes expositores bíblicos. Alfredo E. Garvie menciona o exemplo dos Irmãos Capadócijs, que tiveram papel importantíssimo na con-

<sup>9</sup> MÁRTIR, Justino. The first apology of Justin, the Martyr. In: *Early Christian fathers*. RICHARDSON, Cyril C. (Org.). New York: Macmillan Publishing Co., Inc., 1978, pp. 285-286.

<sup>10</sup> IRINEU. Contra as Heresias. In: *Teologia dos santos padres*. GOMES, Cirilo Folch (Org.). São Paulo, SP: Edições Paulinas, pp. 183-184.

<sup>11</sup> GARVIE, Alfredo E. *Historia de la predicación cristiana*. Barcelona: CLIE, 1987, p. 98.

<sup>12</sup> *Apud* GREEN, Michael. *Evangelização na igreja primitiva*. São Paulo: Vida Nova, 1989, p. 248.

<sup>13</sup> IRINEU, *Heresias*, p. 185.

trovérsia teológica trinitária e ao mesmo tempo foram “grandes pregadores dignos de destaque”.<sup>14</sup> Representando a igreja oriental, temos João Crisóstomo (347-407), que recebeu o epíteto de “boca de ouro”, o qual defendia que o segredo da eficácia de um sermão estava na determinação do pregador de agradar tão somente a Deus e honrar sua Palavra.<sup>15</sup> Semelhante referência pode também ser encontrada no relato entusiasmado de Agostinho (354-430) acerca do impacto causado por sua pregação nos moradores da Mauritânia. Tal pregação, na verdade, consistia de uma exposição das doutrinas da fé cristã.<sup>16</sup> Em seu tratado *De Doctrina Christiana*, Agostinho defende que a tarefa e o propósito do pregador devem ser a compreensão e exposição das Escrituras.<sup>17</sup> Outros exemplos similares podem ser encontrados nas pregações de Tertuliano (c. 160-c. 225), Ambrósio (340-397) e Atanásio (c. 296-c. 373).

Ainda que parcas durante o Período Medieval, as pregações doutrinárias continuaram tendo seus representantes e defensores. Cabe lembrar que o início desse período foi marcado pelos avanços missionários a outras nações, os quais invariavelmente culminavam em exposições doutrinárias. Um dos pregadores mais notáveis desse período foi Bernardo de Claraval (1090-1153), que também se destacou por seu zelo teológico e pastoral. Ainda que influenciado pelo neoplatonismo e o misticismo vigentes em sua época, a devoção e o amor de Bernardo pela exposição das Escrituras têm lhe rendido um lugar ao lado de Paulo, Agostinho e Lutero.<sup>18</sup> Para Bernardo, a pregação era entendida como o meio pelo qual o próprio Cristo fala diretamente ao cristão dedicado, através das Escrituras Sagradas.<sup>19</sup> Tão sublime conceito acerca da pregação certamente o levou a utilizar o púlpito como instrumento essencial na comunicação das verdades doutrinárias.

A prática da pregação doutrinária na Idade Média é especialmente encontrada nos movimentos leigos de reforma eclesiástica. A atividade dos valdenses, ou “os pobres de espírito”, é predominante nesse sentido. Os valdenses criam que todos deviam ter acesso às Escrituras em sua própria língua, devendo ser ela a autoridade final para a fé e a prática do cristão. Eles anteciparam em muito os ensinamentos e a ênfase protestante sobre a importância da pregação da Palavra de Deus. Embora não na mesma proporção que os valdenses, a ordem dos franciscanos também se preocupou com a teoria e a prática da pregação doutrinária.<sup>20</sup> Foram, porém, as exposições de John Wycliffe

<sup>14</sup> GARVIE, *Historia de la predicación*, p. 112.

<sup>15</sup> CRISÓSTOMO, João. The temptation of greatness. In: *The company of preachers: Wisdom on preaching*. LISCHER, Richard (Org.). Grand Rapids: Eerdmans, 2002, p. 61.

<sup>16</sup> AGOSTINHO. On doctrine. In: *The library of Christian classics*. S. L. Greenslade (Org.). Philadelphia: The Westminster Press, 1956, IV:53.

<sup>17</sup> AGOSTINHO. De doctrina Christiana. In: *Nice and post-Nicene fathers*. Philip Schaff (Org.). Grand Rapids: Eerdmans, 1988, pp. 512-597.

<sup>18</sup> GARVIE, *Historia de la predicación*, p. 150.

<sup>19</sup> VAN ENGEN, John. The bread of God's book, *Christian history* vol. VIII 24, pp. 19-21.

<sup>20</sup> GARVIN, *Historia de la predicación*, pp. 158-160.

que mais contribuíram para o reavivamento de uma pregação “mais humilde e cheia do evangelho” nos últimos anos da Idade Média.<sup>21</sup> Embora o escolasticismo medieval também tenha tido os seus grandes pregadores doutrinários, havia um certo descaso do público para com a doutrina apresentada pelos mesmos.

Durante os primeiros séculos da Reforma Protestante, o que havia sido ocasional e raro no cristianismo medieval tornou-se imprescindível ao avanço da causa protestante. Os reformadores destacaram-se não apenas pelas obras de tradução das Escrituras e produção de comentários bíblicos, mas também pelo zelo que tinham para com a pregação de doutrinas bíblicas, que julgavam terem sido esquecidas e suplantadas pelo catolicismo romano durante o período medieval.

Lutero, Zuínglio e Calvino foram reconhecidamente grandes pregadores e o conteúdo doutrinário de suas pregações pode ser facialmente observado em vários de seus sermões publicados. R. C. Sproul chama a atenção para o fato de que os reformadores não promoveram a divulgação e a consolidação do movimento da reforma através de viagens pelo continente europeu. Antes, cada um retornou à sua vocação primária, ou seja, à pregação da Palavra de Deus. Garvie afirma que os sermões desses homens foram caracterizados por genuína doutrina evangélica e uma metodologia escolástica de exposição bíblica.<sup>22</sup> Comentando o ministério de Calvino em Genebra, Ronald S. Wallace afirma que foi através de sua pregação, mais do que qualquer outro aspecto de sua obra, que ele exerceu a influência extraordinária reconhecida por todos.<sup>23</sup> O próprio Calvino defendeu a exposição bíblica como uma das marcas da verdadeira igreja, pois segundo ele, “em qualquer lugar em que virmos a Palavra de Deus sendo puramente pregada e ouvida, e os sacramentos administrados segundo a instituição de Cristo, ali, e não deve haver dúvidas sobre isso, existe uma Igreja de Deus”.<sup>24</sup> Ele entendia que “o ofício do ensino é incumbência dos pastores”.<sup>25</sup> Calvino recebeu o título de *orateur exegete*, pois se dedicou a expor as Escrituras sistematicamente, com fervor sentimental e aplicação prática.

A importância da pregação doutrinária no avanço da causa protestante também pode ser observada tanto no ministério dos sucessores dos reformadores quanto nas estratégias da Contra-Reforma em prol da inibição do protestantismo. O zelo doutrinário na pregação continuou sendo uma das

<sup>21</sup> *Ibid.*, p. 173.

<sup>22</sup> *Ibid.*, pp. 187-195.

<sup>23</sup> WALLACE, Ronald S. *Calvin, Geneva and the reformation*. Grand Rapids: Baker, 1990, p. 17.

<sup>24</sup> CALVINO, João. *Institutes of the Christian religion*. Philadelphia: The Westminster Press, 1960, IV.i.9.

<sup>25</sup> CALVINO, João. *Calvin's wisdom*. J. Graham Miller (Org.). Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1992, p. 252.

principais características dos representantes da pós-reforma, que usaram seus púlpitos como instrumentos de propagação do verdadeiro evangelho.<sup>26</sup> Por outro lado, uma das principais estratégias do movimento romano de Contra-Reforma para conter o avanço protestante foi a criação da ordem dos jesuítas, cuja metodologia envolvia o uso de “hábeis pregadores”, bem como a atenção voltada à obra educacional e à influência no meio político.

Como fruto das controvérsias entre protestantes e católicos romanos, muito do conteúdo dos sermões tornou-se mais dogmático e polêmico. Com isso, a precisão do saber recebeu mais ênfase que a retidão do viver. Nasceram assim as apresentações doutrinárias racionalistas do neo-escolasticismo. Em muitos países do continente europeu, alguns pregadores, cansados pelo pouco êxito dessa forma de pregação, trataram de renovar o vigor buscando temas em outras fontes à parte dos textos das Escrituras ou de suas doutrinas. Ao contrário do que acontecia no restante do continente, encontramos no puritanismo britânico do século XVII grande zelo para com a doutrinação através do púlpito. Peter Lewis defende que uma das marcas do gênio puritano foi a importância que deram à proclamação da doutrina bíblica.<sup>27</sup> Através de seus púlpitos, os pregadores puritanos tornaram a verdadeira religião um patrimônio do povo. Pregador o evangelho, para a grande maioria dos puritanos, nada mais era do que declarar o conselho da redenção, a obra salvadora do Deus Triúno. Em sua famosa obra *O Pastor Aprovado*, Richard Baxter exalta a pregação da Palavra, por entender que a mesma é o instrumento que livra o rebanho das heresias destruidoras.<sup>28</sup> Além do mais, os puritanos entendiam que a exposição doutrinária é o modo bíblico de promover a santidade.<sup>29</sup> Assim sendo, eles certamente concordariam com Charles H. Spurgeon que, embora não sendo um puritano no sentido técnico, defendia: “No momento em que a Igreja de Deus menosprezar o púlpito, Deus desprezará a Igreja”.<sup>30</sup>

Um último exemplo do cuidado puritano para com a exposição doutrinária vem de William Perkins, considerado o pai do puritanismo inglês. Em sua obra *The Art of Prophesying* (A arte de profetizar), ele defende que há dois elementos envolvidos no ato de manejar corretamente a palavra da verdade: divisão e aplicação. Pelo processo de divisão, Perkins entende a exposição da passagem em suas várias doutrinas, quer estejam explicitamente declaradas ou tenham que ser inferidas da passagem exposta.<sup>31</sup> Na aplicação, as doutri-

<sup>26</sup> Neste sentido, Garvie oferece um estudo detalhado das contribuições de Melancton, Beza, John Knox e outros. Cf. Garvie, *Historia de la predicación*, pp. 199-209.

<sup>27</sup> LEWIS, Peter. *The genius of Puritanism*. Grã-Bretanha: Carey Publications, 1979, p. 12.

<sup>28</sup> BAXTER, Richard. *O pastor aprovado*. São Paulo: PES, 1989, pp. 166-174.

<sup>29</sup> LLOYD-JONES, D. Martyn. *Os puritanos: Suas origens e seus sucessores*. São Paulo: PES, 1993, p. 380, 385-386.

<sup>30</sup> SPURGEON, C. H. *Autobiography*, vol. I. Edinburgh: The Banner of Truth Trust, 1962, p. v. Cf. SPURGEON, C. H. *Lições aos meus alunos*, vol. I. São Paulo: PES, 1990, pp. 45-61.

<sup>31</sup> PERKINS, William, *The art of prophesying*. Carlisle, Pennsylvania: The Banner, 1996, p. 48.



nas extraídas do texto bíblico são habilmente relacionadas à vida dos ouvintes. A influência dessas exortações é percebida na elaboração da resposta à pergunta 159 do *Catecismo Maior de Westminster* sobre “como a Palavra de Deus deve ser pregada por aqueles que para isto são chamados”. A resposta dada é que:

Aqueles que são chamados a trabalhar no ministério da Palavra devem pregar a sã doutrina, diligentemente, em tempo e fora de tempo; claramente, não em palavras persuasivas de humana sabedoria, mas em demonstração do Espírito e de poder; fielmente, tornando conhecido todo o conselho de Deus; sabiamente, adaptando-se às necessidades e às capacidades dos ouvintes; zelosamente, com amor fervoroso para com Deus e para com as almas de seu povo; sinceramente, tendo por alvo a glória de Deus e procurando converter, edificar e salvar as almas.<sup>32</sup>

A pregação do início do período moderno recebeu considerável influência dos movimentos reavivalistas e missionários e, por conseguinte, apresentou certo conteúdo doutrinário. Também, o surgimento do movimento da alta crítica, do evolucionismo, do comunismo, das seitas pseudo-cristãs, das guerras mundiais e de outras ameaças ao cristianismo, tornou a pregação doutrinária e apologética uma necessidade premente nos púlpitos protestantes. Com a chamada “reconstrução da teologia”, porém, grande parte das verdades cristãs foi relativizada e secularizada, o que teve efeito direto sobre os pregadores e a pregação. Em sua oposição ao liberalismo teológico de sua época, J. Gresham Machen informou que o ataque aos fundamentos da fé cristã estava sendo conduzido vigorosamente através de “lições” de Escola Dominical, do púlpito e da imprensa religiosa.<sup>33</sup>

Mais recentemente, vários líderes protestantes têm denunciado a falta de conteúdo doutrinário na pregação. Segundo Al Martin, “estamos sofrendo de uma atitude mental que considera a doutrina e a teologia como uma variante do terror supersticioso da era medieval”.<sup>34</sup> Focalizando mais estritamente o evangelicalismo de fala inglesa, Sinclair B. Ferguson diz: “Vivemos em dias quando, em cada canto da Igreja de fala inglesa, há uma carência da pregação excelente”.<sup>35</sup> Como resultado,

um irresistível surto de pragmatismo permeia o evangelicalismo. A metodologia tradicional – especialmente a pregação – está sendo descartada ou menosprezada em favor de novos métodos, tais como dramatização, dança, comédia, variedades, grandiosas atrações, concertos populares e outras formas de entretenimento.<sup>36</sup>

<sup>32</sup> *Catecismo Maior de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, s.d., p. 178.

<sup>33</sup> MACHEN, *Cristianismo*, p. 27.

<sup>34</sup> MARTIN, Al. *O que há errado com a pregação hoje*. São José dos Campos: Fiel, 1991, p. 31.

<sup>35</sup> FERGUSON, Sinclair B. More thoughts on preaching, *The Banner of Truth* (Março 1977), p. 10.

<sup>36</sup> MACARTHUR JR., John. *Com vergonha do evangelho*. São José dos Campos: Fiel, 1997, p. 8.

Logo, John R. de Witt parece estar correto ao afirmar que, no geral, as “congregações estão satisfeitas com a mediocridade no púlpito, desde que o ministro seja inofensivo e não abuse do seu tempo”.<sup>37</sup>

Uma das principais ênfases do púlpito contemporâneo é a fórmula “problema-solução”, desprovida de embasamento bíblico e dependente das descobertas das ciências sociais ou teorias da neurolinguística. Essa abordagem, segundo Carl III, é uma herança da perspectiva liberal de Harry Emerson Fosdick (1878-1969), cujo resultado pode ser descrito como neo-humanismo.<sup>38</sup> Esse estilo de pregação parece interessante e até relevante para o auditório, mas é geralmente desprovido de conteúdo doutrinário.

## 2. CONSIDERAÇÕES TEOLÓGICAS

A Reforma Protestante trouxe grandes mudanças para o cristianismo, inclusive alterações quanto à estrutura arquitetônica e à decoração interna de alguns templos. No período medieval, o centro do santuário era ocupado pelo altar, pois aquele era o local da ministração da missa. Os púlpitos eram geralmente colocados nas laterais, pois não eram muito usados naquelas celebrações. Com o avanço da Reforma, porém, este quadro foi significativamente alterado nos templos protestantes. A centralidade do púlpito protestante não é apenas uma questão estética, mas doutrinária. O púlpito foi movido para o centro do santuário ou, quando ainda permanecia nas laterais, era colocado em posição de destaque (geralmente em um nível mais alto), pois a pregação da Palavra foi resgatada à sua posição de primazia. Essa mudança não foi produto do mero capricho decorativo dos reformadores, mas fruto de suas convicções teológicas. Enquanto que no cristianismo medieval a função sacerdotal ocupava o centro da adoração, os protestantes enfatizaram a importância da pregação e o ensino das Escrituras a partir do púlpito.

A prioridade da pregação doutrinária na obra pastoral pode ser percebida a partir de uma análise de sua relação com várias doutrinas. Com o objetivo de ilustrar esse ponto, alguns tópicos devem ser considerados sob uma perspectiva teológica: as Escrituras, o ministério da Palavra, a vida cristã e a missão evangelística da igreja. Essa análise corrobora para mostrar o fato de que a abrangência doutrinária estende-se para bem além dos muros acadêmicos, podendo resultar em incontáveis benefícios para o rebanho do Senhor e o avanço do seu reino.

### 2.1. A Doutrina e as Escrituras

Uma vez que a pregação envolve a interpretação, a exposição e a aplicação das Escrituras, é fundamental que o pregador compreenda a relação entre essas atividades e a doutrina cristã. A Bíblia não apenas expõe a importância e prioridade da doutrina na pregação, mas o ensino bíblico é, antes de tudo,

<sup>37</sup> DE WITT, John R. Contemporary failure in the pulpit, *The Banner of Truth* (Março 1981), p. 23.

<sup>38</sup> CARL III, *Preaching*, pp. 112-113.

doutrinário em sua essência. É praticamente impossível ensinar as Escrituras sem abordar temas como a existência de Deus, a doutrina da criação e providência, a doutrina do homem, da queda, da promessa de redenção e outros mais. É nesse contexto que deve ser considerada a afirmação de John R. W. Stott de que “por detrás do conceito e do ato de pregar temos uma doutrina de Deus, uma convicção acerca do seu ser, sua ação e seu propósito”.<sup>39</sup> A mensagem das Escrituras é, em si, doutrinária.

Outro fator a ser considerado quanto à relação entre a doutrina e as Escrituras é que a doutrina cristã não é produto da invenção nem da imaginação humana, mas é a resposta dos cristãos à revelação de Deus na história. A revelação redentora de Deus foi especialmente registrada nas Escrituras Sagradas, a Bíblia. Por essa razão, a Bíblia é a fonte primária da reflexão teológica e doutrinária da igreja cristã.<sup>40</sup> Ainda que ao longo da história do cristianismo muitos tenham proposto diferentes fontes do conhecimento acerca de Deus, tais como a razão, os sentimentos, a tradição e outros, as Escrituras Sagradas continuam sendo a fonte primária do saber teológico do protestantismo tradicional. Foi com base na convicção de que as Escrituras são inspiradas por Deus que o apóstolo Paulo afirmou ser ela “útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2Tm 3.16-17). Assim, o ministério pastoral envolve a atividade de comunicar o conhecimento da revelação de Deus, o emprego de advertências e correções restauradoras que estejam alicerçadas na Palavra e o treinamento cristão na justiça, segundo a mesma Palavra. Certamente por isso, o mesmo Paulo instruiu Timóteo a que procurasse “manejar bem a palavra da verdade” (2Tm 2.15).

Também, a relação entre doutrina e Escrituras pode ser vista através do fato de que formulações doutrinárias se propõem a ser guias de interpretação das Escrituras. Uma vez que uma formulação doutrinária reivindica interpretar as Escrituras, a mesma deve ser julgada e avaliada à luz das Escrituras. Nenhum pregador ou instrutor bíblico deve considerar formulações doutrinárias como um fim em si mesmas, mas como um meio de interpretar, explicar e aplicar as Escrituras Sagradas à vida do povo de Deus e ao contexto em que o mesmo se encontra. Motivado por esta convicção, João Calvino escreveu no prefácio de suas *Institutas da Religião Cristã*:

Além do mais, tem sido o meu propósito nesta obra preparar e instruir candidatos na teologia sagrada quanto à leitura da Palavra divina, a fim de que eles possam, ao mesmo tempo, ter livre acesso a ela e avançar no seu conhecimento sem tropeçar ... Dessa forma o leitor piedoso será poupado de grande aborrecimento e enfado, desde que ele se aproxime da Escritura armado com o conhecimento da presente obra como uma ferramenta necessária.<sup>41</sup>

<sup>39</sup> STOTT, *La predicación*, p. 88.

<sup>40</sup> *Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 1994, I.vi e vii.

<sup>41</sup> CALVINO, John Calvin to the reader. In: *Institutes*, I. p. 4-5.

Segundo Calvino, um dos principais propósitos das formulações e sistematizações doutrinárias é providenciar a interpretação e a aplicação sólidas das Escrituras. A relevância das mesmas para a igreja cristã depende do fato de oferecerem uma estrutura hermenêutica que esteja baseada nas Escrituras.

Uma vez que a verdadeira pregação implica a apresentação e exposição da Palavra de Deus, sua conexão com as formulações doutrinárias torna-se inevitável. Stanley J. Grenz e Roger E. Olson definem essa conexão como “teologia ministerial”, ou seja, a reflexão cristã feita por aqueles com habilidade de interpretar e aplicar a mensagem doutrinária das Escrituras à vida cristã normal.<sup>42</sup> Nesse sentido, a pregação doutrinária é “aquela que é sempre disciplinada pelo arcabouço do inteiro conselho de Deus ... a pregação doutrinária que não estiver exegeticamente apoiada e textualmente orientada, conduzirá a uma ortodoxia meramente filosófica.”<sup>43</sup> O padrão bíblico, porém, é levar o povo de Deus a praticar a verdade pela reflexão e compreensão da mesma verdade. Esse processo de renovação da mente pela verdade requer o uso sistemático da pregação doutrinária.

## 2.2. O Ministério da Palavra

A exposição da Palavra de Deus é prioritária no serviço pastoral. A verdadeira pregação é *vox Dei*, entregue em nome de Deus, sob sua autoridade e tem como conteúdo a sua Palavra revelada. É por essa razão, certamente, que J. H. Jewett, referindo-se ao ministério pastoral, disse que “não há esfera de serviço mais revestida de santo privilégio e de promessas sagradas, e não há esfera onde o empobrecimento do indivíduo se apresenta de maneira mais dolorosa”.<sup>44</sup> Há vários aspectos do ministério da Palavra que evidenciam sua interdependência com as formulações doutrinárias. Devido à brevidade deste estudo, pode-se atentar para dois aspectos básicos nesse sentido.

Em primeiro lugar, há que se observar a *natureza didática do ministério da Palavra*. Pregar é educar, ou seja, apresentar as doutrinas que renovam e transformam o coração humano. Os ministros da Palavra são comissionados a obedecer às Escrituras e ensiná-las ao seu rebanho. O profeta Oséias (4.6) afirma que quando aqueles que são comissionados para o ministério sacerdotal deixam de obedecer ao Senhor e de ensinar a sua lei, as conseqüências são graves, a repreensão é certa e o ministério torna-se desqualificado. A grande comissão também ressalta o compromisso com a observância e o ensino das palavras de Jesus (Mt 28.19-20).

<sup>42</sup> GRENZ, Stanley J. e OLSON, Roger E. *Who needs theology*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1886, p. 31. Esta obra já se encontra traduzida para a língua portuguesa sob o título *Quem precisa de teologia* e foi publicada pela Editora Vida.

<sup>43</sup> MARTIN, *O que há de errado*, p. 31.

<sup>44</sup> JOWETT, John H. *O pregador, sua vida e obra*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1969, p. 96.

O elemento didático do ministério da Palavra tem no púlpito um dos seus instrumentos mais eficazes para a instrução do povo de Deus, pois é a partir do púlpito que a igreja recebe ou a exortação ou a falsificação da verdade. A proclamação da verdade era a estratégia apostólica usada para plantação de igrejas (cf. At 17.2). O ministério apostólico ainda era impulsionado pelo amor e zelo pela verdade (cf. 2Co 4.2 e 6.6). Parece correto afirmar que o crescimento da igreja no período apostólico era resultado da exposição sistemática das Escrituras, a ponto de as pessoas serem convencidas pelo Espírito sobre a verdade doutrinária de que Jesus é o Cristo. Em última análise, só existe um método evangelístico, a saber, a fiel explicação e aplicação da mensagem do evangelho. Lloyd-Jones ilustra essa prática no ministério dos puritanos. De acordo com ele, “temos a tendência de esquecer, a saber (sic), que grande parte do ensino teológico dos puritanos foi dada na forma de pregação de sermões. Sugiro, de passagem, que consideremos mais uma vez se a melhor maneira de ensinar teologia não é por meio da exposição da Palavra”.<sup>45</sup>

Em segundo lugar, há que se considerar a nobreza do ministério da Palavra. Pode-se ter uma noção dessa nobreza ao se atentar para o fato de que aos pastores são confiadas as almas das pessoas e o destino eterno das mesmas. O ministério “é uma continuidade miraculosa, e nós, arautos de Deus, somos os instrumentos privilegiados das intervenções divinas. Se meditarmos no fato de que Deus fala e age numa continuidade que vem desde a eternidade e segue através do tempo, nossa prática de pregação será afetada”.<sup>46</sup> Como alerta Bryan Chapell, “quando encaramos pessoas dotadas de uma alma eterna, equilibrando-se entre o céu e o inferno, a nobreza da pregação nos amedronta mesmo quando revela nossa insuficiência”.<sup>47</sup> Por essa razão, o falso pregador deveria ser considerado como o mais cruel criminoso, pois envenena as almas ao invés de alimentá-las. A nobreza desse ministério aponta para sua conexão com o ensino doutrinário.

A concepção reformada da pregação é que ela é “o mais excelente meio pelo qual a graça de Deus é conferida aos homens”.<sup>48</sup> O pregador é um mordomo que possui as chaves da despensa e dela retira o alimento necessário para nutrir os membros da família cristã. Segundo John R. W. Stott, “a família de Deus precisa urgentemente de despenseiros fiéis que distribuam sistematicamente toda a Palavra de Deus”.<sup>49</sup> O conteúdo da despensa a ser distribuído é essencialmente doutrinário, pois o mordomo serve e anuncia “todo o desígnio de Deus” (At 20.27). Novamente, a palavra proclamada possui uma natureza essencialmente doutrinária.

<sup>45</sup> LLOYD-JONES, *Os puritanos*, p. 385.

<sup>46</sup> LACHLER, Karl. *Prega a palavra*. São Paulo: Vida Nova, 1990, p. 34.

<sup>47</sup> CHAPPELL, Bryan. *Pregação cristocêntrica*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002, p. 17.

<sup>48</sup> ANGLADA, Paulo R. B., “Vox Dei: A teologia reformada da pregação” *Fides Reformata* 4/1 (1999), p.151.

<sup>49</sup> STOTT, John R. W. *O perfil do pregador*. Recife: SETE, 1989, pp. 30-31.

Infelizmente, as verdades acima expostas têm sido negligenciadas pelo evangelicalismo contemporâneo, que procura reformular o paradigma da tarefa ministerial, fazendo do ministro da Palavra um mero líder ou terapeuta. Esses dois personagens definem o papel do pastor: no púlpito, um psicólogo, no gabinete, um executivo cujo objetivo é atingir sucesso em termos numéricos. Sobre isso, Ricardo Barbosa afirma que “esta nova imagem do líder vem corrompendo a vocação”, pois “os líderes estão mais ocupados e preocupados com estruturas eclesiais, crescimento estatístico, ferramentas tecnológicas, funcionalidades” e, os terapeutas, por sua vez, inundam seus púlpitos com técnicas místicas de aconselhamento e princípios básicos da psicologia.<sup>50</sup> O pregador sábio e zeloso pelas verdades bíblicas, porém, atentar-se sempre para o uso do púlpito como instrumento de doutrinação do seu rebanho.

### 2.3 Doutrina e Vida Cristã

Certamente a religião cristã é mais que um conjunto de assertivas doutrinárias. O cristianismo também é vida de comunhão com Deus e testemunho ao mundo em redor. Porém, vida cristã desprovida da compreensão doutrinária pode degenerar-se em algo que seja, até mesmo, anticristão. As convicções que governam a vida cristã assumem várias formas, sejam elas morais (ética cristã), teológicas (fé cristã) ou aquelas relacionadas à perspectiva cristã da vida (cosmovisão cristã). Cada uma dessas formas se expressa na vida diária de todo cristão. É precisamente nesse ponto que a reflexão doutrinária se faz tão relevante à vida cristã, pois o conhecimento e as convicções de alguém sobre Jesus, bem como sua comunhão com ele, necessariamente afetam o estilo de vida dessa pessoa. Doutrina e prática devem sempre caminhar juntas.

A conexão entre doutrina e vida cristã torna-se ainda mais clara ao se observarem três princípios básicos. Primeiro, a natureza da fé cristã é doutrinária. Como afirma Alister E. McGrath, a “fé envolve tanto a cabeça como o coração. Os aspectos objetivos e subjetivos da fé são os dois lados de uma mesma moeda – eles podem ser diferentes, mas ambos são aspectos essenciais da mesma coisa”.<sup>51</sup> A fé cristã envolve: (1) compreensão, ou seja, a apreensão daquilo que se crê, (2) confiança, isto é, a certeza de que aquilo em que se crê é verdadeiro e, (3) compromisso, pois a fé cristã requer uma relação pessoal com um Deus pessoal. Cada um desses aspectos encontra-se completamente dependente da explanação doutrinária, pois a fim de se compreender a revelação de Deus, confiar no Deus revelado e manter comunhão diária com ele, o cristão precisa obter uma apreensão de sua pessoa e obra. Essa apreensão é, em si mesma, doutrinária. Uma jornada cristã sem tal entendimento deixaria o peregrino no domínio das trevas da confusão e da ansiedade.

<sup>50</sup> SOUZA, Ricardo Barbosa. Prefácio. In: *À sombra da planta imprevisível: Uma investigação da santidade vocacional*. Eugene H. Peterson. Campinas: United Press, 2001, p. 5-8. Cf. WELLS, *The D-Min-ization of the ministry*, p. 181.

<sup>51</sup> MCGRATH, Alister E. *Studies in doctrine*. Grand Rapids: Zondervan, 1997, p. 41.

Em segundo lugar, deve-se considerar que a doutrina fundamenta a prática cristã. Bases doutrinárias corretas são essenciais para o relacionamento sólido do cristão com Deus. Hebreus 11.6 afirma que aquele que se aproxima de Deus deve fazê-lo sob uma compreensão doutrinária, ou seja, de que ele existe e se torna galardoador dos que o buscam. Também, o texto de Mateus 16.13-19 indica que Jesus requer dos seus discípulos uma compreensão mínima sobre sua natureza e missão. Outros textos ainda poderiam ser oferecidos para comprovar esse princípio, pois o mesmo encontra-se alicerçado na Bíblia (cf. Rm 10.9-10 e 1Jo 4.2-3). O fato é que, deixado ao seu próprio entendimento, o máximo que o ser humano atinge é um estilo de vida idólatra, pois seu coração é uma “fábrica de idolatria”. Somente pelo estudo e compreensão das Escrituras é que ele pode encontrar-se com o verdadeiro Deus em quem pode confiar. As doutrinas contribuem ainda para a descrição da perspectiva cristã sobre a vida, bem como para a expressão correta da identidade cristã.<sup>52</sup> Sendo assim, a pregação doutrinária é fundamental para uma vida cristã sadia.

Finalmente, há que se notar que a doutrina providencia resposta aos inúmeros desafios e opções religiosas encontrados na jornada cristã. Uma simples leitura da Bíblia deveria ser suficiente para convencer o leitor do fato de que a caminhada com Cristo é sujeita a muitos e variados perigos e desafios. Os exemplos do povo de Israel no Antigo Testamento e as exortações aos cristãos no Novo Testamento apontam para a natureza e tipos de luta que o cristão tem que enfrentar. Nesse contexto, o conhecimento doutrinário é uma importante ferramenta apologética a ser usada contra as alternativas seculares, as propostas de outras religiões e até mesmo contra a falsidade dos programas de auto-ajuda e outras variedades de falsos ensinamentos. Ao descrever os benefícios do estudo doutrinário para a vida cristã, Wayne Grudem enumera três elementos básicos. Segundo ele, o estudo doutrinário ajuda o cristão a vencer suas próprias idéias errôneas, pois o pecado na vida humana corrompeu todas as áreas possíveis, inclusive o intelecto e a vontade. Também, o estudo doutrinário auxilia o crente na tomada das melhores decisões, principalmente aquelas relacionadas a questões de novas doutrinas. O cristão sábio sempre irá orientar-se pelo que a Bíblia diz, em vez de acompanhar os modismos da época. Em terceiro lugar, o estudo doutrinário ajuda a pessoa a crescer na vida cristã, pois “quanto mais soubermos a respeito de Deus, de sua Palavra, de seu relacionamento com o mundo e com a humanidade, mais vamos confiar nele, louvá-lo de modo mais pleno e obedecer-lhe mais prontamente”.<sup>53</sup> Dessa forma, o conhecimento doutrinário possui uma utilidade prática para aquele que procura caminhar com Cristo neste mundo.

<sup>52</sup> *Ibid.*, pp. 238-276.

<sup>53</sup> GRUDEM, Wayne. *Teologia sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999, pp. 7-9.

#### 2.4 *Doutrina e Evangelização*

A natureza e a vocação da igreja cristã são essencialmente missionárias. Esta verdade é expressa através de vários textos bíblicos, mas 1Pedro 2.9 a expõe de maneira singular, quando afirma: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (cf. Mt 16.18-19; 28.18-20 e Ef 3.1-13). Em sua missão evangelística, a igreja tanto congrega quanto espalha. Ela congrega aqueles que foram vocacionados para a vida eterna e espalha seus missionários para a obra evangelizadora. Missões não é uma tarefa opcional para os discípulos de Cristo, mas um imperativo. O modelo nesta evangelização é o próprio Senhor Jesus, pois ele é o grande missionário enviado pelo Pai (cf. Jo 20.21-22). Dessa forma, assim como a proclamação das boas-novas realizada por Jesus foi doutrinária, a igreja não deve desprezar tal metodologia.

A conexão existente entre evangelização e doutrina deve-se ao fato de que a mensagem evangelística só pode ser explicada, de modo adequado, doutrinariamente. Por exemplo, ao abordar a necessidade que o ser humano tem de Deus, o evangelista fiel deverá deixar claro que “precisamos de Deus, não porque necessitamos de sua ajuda para resolver os nossos problemas, mas porque a justiça santa de Deus é o nosso problema”.<sup>54</sup> Além do mais, a apresentação da graça e do perdão de Deus, da obra de Jesus Cristo em prol da nossa justificação, bem como da obra do Espírito Santo regenerando e habitando o coração humano, são temas que só podem ser corretamente apresentados de modo doutrinário. A própria apresentação bíblica do amor de Deus é doutrinária (cf. Jo 3.16 e Rm 5.8). A oração da igreja em prol da seara e seus trabalhadores, bem como a ação do Espírito na mesma, impulsionando o serviço missionário, também só podem ser compreendidas doutrinariamente.

A igreja cristã possui uma mensagem de esperança e um anúncio de juízo. A proclamação de qualquer um desses itens requer reflexão e elaboração doutrinária. A doutrina sobre Cristo surge da necessidade de propagar a verdade sobre ele, explicar quem ele é e qual a sua relevância para o mundo contemporâneo. Como bem expressa McGrath, a “doutrina surge do compromisso apaixonado da igreja cristã em comunicar a verdade sobre Deus, bem como em demonstrar a fraqueza e pobreza da compreensão não-cristã acerca de quem e como é Deus, por um lado, e quem são os seres humanos, por outro lado”.<sup>55</sup> Até mesmo a identidade da igreja cristã só pode ser expressa em termos doutrinários. A atividade apologética dos cristãos em afirmar a verdade e desmascarar a falsidade também só pode ser corretamente desempenhada a partir de pressupostos doutrinários. A doutrina deve sempre oferecer estímulo e subsídio à atividade missionária da igreja e essa, por sua vez, nunca deve desprezar a riqueza de sua herança doutrinária.

<sup>54</sup> CLOWNEY, Edmund P. *The church*. Downers Grove: InterVarsity Press, 1995, p. 158.

<sup>55</sup> MCGRATH, *Studies in doctrine*, p. 242.



Concluindo esta seção, pode-se afirmar que as considerações teológicas, bem como as históricas, também evidenciam a interdependência entre o púlpito e a doutrina. Foi a partir desse princípio que John Stott defendeu que, na pregação, a teologia deve ser sempre mais importante do que a metodologia, pois “a técnica só pode nos fazer oradores; se quisermos ser pregadores, teologia é o de que precisamos”.<sup>56</sup> Faz-se necessária agora uma consideração prática sobre esse assunto.

### 3. CONSIDERAÇÕES PRÁTICAS

A pregação doutrinária realmente parece ser uma atividade em extinção nos púlpitos cristãos, inclusive nos círculos evangélicos. Ao considerar a galeria dos grandes pregadores ao longo da história da igreja, bem como alguns tópicos teológicos relacionados com a atividade da pregação, pode-se perceber a existência do vínculo estreito entre o púlpito e a doutrinação eclesiástica. A existência desse vínculo foi uma das grandes contribuições do cristianismo protestante até alguns anos atrás, quando o mesmo sucumbiu em face da influência do pragmatismo e alterou sua ênfase. Segundo a perspectiva contemporânea, uma boa mensagem é aquela que “funciona” em relação aos seus ouvintes. A rendição ao pragmatismo apresenta resultados tão negativos que “em certos círculos, o recado é que a pregação deve ser abandonada”.<sup>57</sup> A subserviência de muitos pregadores atuais ao pragmatismo parece ser tão grande que alguns não se deixariam persuadir quanto à interdependência entre o púlpito e a doutrina se não lhes fossem mostradas algumas considerações práticas.

A interdependência entre o púlpito e a doutrina torna-se evidente a partir de algumas considerações e avaliações empíricas. Estas considerações e avaliações podem ser apresentadas da seguinte forma: a pregação é uma atividade de doutrinação da igreja; a ausência da doutrina é a causa do declínio da pregação; a ausência da doutrina, ainda, culmina no mau preparo do pregador e, finalmente, a ausência da doutrina na pregação costuma estar acompanhada por algumas falácias.

À luz do que já foi dito, pode-se perceber que *a pregação é, em si mesma, uma atividade de doutrinação da igreja*. O assunto de um sermão pode ser classificado sob várias categorias. Uma abordagem homilética clássica sobre isso sugere a distinção entre sermões doutrinários, morais ou éticos, biográficos e experimentais ou evangelísticos.<sup>58</sup> Também, um sermão pode ser classificado sob várias formas de apresentação da mensagem, e assim ser tópicos, textual ou expositivo. Porém, a mensagem apresentada será sempre doutrinária, pois o pregador transmite uma doutrina em quaisquer desses tipos ou formas de sermão. A palavra grega utilizada para ensino, *didakê*, é a mesma em-

<sup>56</sup> STOTT, *La predicación*, p. 87.

<sup>57</sup> ROBINSON, *A pregação bíblica*, p. 13.

<sup>58</sup> BROADUS, John A. *On the preparation and delivery of sermons*. Edição revisada por Jesse Burton Weatherspoon. New York: London, 1944, pp.59-75.

pregada para doutrina. Ensinar é, em si, doutrinar. Dessa forma, o pregador zeloso deve sempre se orientar pelo texto bíblico, não apenas quanto à classificação e organização do material a ser pregado, mas também quanto à doutrina a ser enfatizada no seu sermão. Por exemplo, a parte inicial de 1 Samuel é notadamente uma biografia de Saul, que pode ser abordada de diversos ângulos. Há, todavia, uma riqueza doutrinária a ser explorada naquela biografia que revela a graça e a soberania de Deus, a responsabilidade humana, a disciplina do Senhor, assim como outros assuntos. Ao expor um texto bíblico o pregador está doutrinando a igreja.

A natureza doutrinadora da pregação traz várias implicações. Há que se notar que até mesmo o método de preparação de sermões pode ser determinado pela linha doutrinária do pregador. Por exemplo, caso o pregador não sustente a doutrina da inspiração e suficiência das Escrituras, ele não terá muitas razões para labutar exegeticamente ou recorrer à exposição bíblica, pois o texto bíblico seria tido por ele como algo secundário e até mesmo irrelevante. O ato da pregação também pode ser determinado pela compreensão doutrinária do pregador acerca do propósito da mesma. Segundo D. M. Lloyd-Jones, “a real função da pregação não é dar informação ...é dar calor, dar vida, dar poder... O pregador não está no púlpito meramente para dar conhecimento e informação às pessoas. Ele deve inspirá-las, deve entusiasamá-las, deve dar-lhes vivacidade e despedi-las de modo que saiam gloriando-se no Espírito”.<sup>59</sup> Mas se o pregador entender a pregação apenas como um exercício de entretenimento, ele se portará meramente como um animador de auditório, antes que um embaixador. De qualquer forma, o pregador terá doutrinado a igreja, quer positiva, quer negativamente. Não será estranho que muitos ouvintes de animadores de auditório expressem descompromisso com o cristianismo bíblico!

No que diz respeito à condição da pregação no evangelicalismo contemporâneo, há indícios de que *o declínio da pregação bíblica possui causas doutrinárias*. Um dos grandes problemas do pregador contemporâneo é que ele encontra-se desprovido de uma mensagem investida de autoridade devido a dois fatores básicos. Por um lado, “boa parte da teologia moderna lhe oferece [ao pregador] pouco mais do que palpites santificados, e a suspeita de que os sofisticados ouvintes nos bancos das igrejas têm mais fé nos textos da ciência do que nos textos da pregação”.<sup>60</sup> Por outro lado, o próprio pregador já não sustenta mais uma crença inabalável na suficiência das Escrituras. Nesse ponto, Lloyd-Jones assevera: “Uma vez que isso desapareceu, e os homens começaram a especular, a postular teorias, a apresentar hipóteses, e assim por diante, a eloqüência e a grandiosidade da palavra falada inevitavelmente passaram a declinar e começaram a desvanecer”.<sup>61</sup> Como resultado de tudo isso, houve

<sup>59</sup> LLOYD-JONES, *Os puritanos*, p. 382.

<sup>60</sup> ROBINSON, *A pregação bíblica*, p. 13.

<sup>61</sup> LLOYD-JONES, *Pregação*, p. 9.

uma demasiada valorização da oratória e do orador. Assim, a forma tornou-se mais importante do que a substância, a oratória e a eloquência tornaram-se coisas valiosas em si mesmas, e, por fim, a pregação tornou-se uma forma de entretenimento. Em alguns casos, é triste constatar que as pessoas ficam mais impressionadas com as habilidades do servo do que com o Senhor que ele lhes apresentou, se é que ele realmente efetuou tal apresentação.

A ausência de uma ênfase adequada à *sola Scriptura* deixou de fazer justiça à doutrina da suficiência e autoridade das Escrituras e, conseqüentemente, resultou em uma lacuna no púlpito que foi rapidamente preenchida pelo pragmatismo e o utilitarismo. O pecador passou a ser visto como o cliente a ser satisfeito e, com isso, várias inovações passaram a fazer parte da liturgia evangélica. Além de pragmática, essa nova orientação é também antropocêntrica. Nas mãos de muitos pregadores dessa nova escola, o texto bíblico tem sido utilizado meramente como um instrumento para “quebrar o gelo” ou uma “varinha de condão” para sacramentar os argumentos do interlocutor. Dessa forma, Walter Kaiser Jr. afirma que “o ouvinte fica geralmente inseguro sobre se a palavra de esperança que está sendo proclamada é precisamente aquela palavra bíblica que deveria ser conectada à situação moderna ou o assunto tratado no sermão, pois freqüentemente o texto bíblico não é mais do que meramente um slogan ou um refrão na mensagem”.<sup>62</sup> A figura desse homem confuso no púlpito, um cego guiando outros cegos, alguém procurando manter os seus ouvintes às custas de uma relevância desprovida de conteúdo, não apenas testemunha contra a verdadeira pregação, mas é também deprimente, senão patética!

O abandono de outras doutrinas vitais à fé cristã também contribui para o declínio da pregação. Uma igreja que não mais afirma o *solo Christus*, já não vê nenhuma relevância em enfatizar a centralidade da cruz ou a importância da doutrina da justificação. Um pregador que não crê na *sola gratia* não expõe a doutrina da pecaminosidade humana nem ensina sobre a obra do Espírito na vocação eficaz. Por sua vez, quando a doutrina da *sola fides* é abandonada, não há nenhuma razão para se enfatizar a imperiosa necessidade da regeneração e do arrependimento. Finalmente, o abandono da paixão pela doutrina do princípio *solí deo gloria* conduzirá o pregador a alimentar nos seus ouvintes algumas atitudes de reivindicação dos seus supostos direitos diante do soberano Senhor. Dessa forma, as raízes da triste condição da pregação evangélica atual são doutrinárias.<sup>63</sup>

Outro ponto a ser observado na interdependência entre o púlpito e a doutrina é o fato de que *o preparo pessoal do pregador é um desenvolvimento de suas convicções doutrinárias*. Phillips Brooks costumava referir-se à prega-

<sup>62</sup> KAISER, JR, *Toward an exegetical theology*, p. 19.

<sup>63</sup> Cf. BOICE, James Montgomery. *O evangelho da graça*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, pp. 61-162.

ção como a “verdade mediada pela personalidade”.<sup>64</sup> Ele entendia que o ato de pregar nunca pode ser divorciado da pessoa do pregador, assim como a preparação do sermão inclui necessariamente a preparação do pregador. A preparação desse, por sua vez, é o desenvolvimento de suas convicções doutrinárias.

A piedade e a consagração na vida cristã, e especialmente no ministério, são respostas à compreensão doutrinária acerca daquele que convoca ao serviço e que vocaciona ao ministério da Palavra. Jesus deixou claro que aquele que mais ama é aquele que teve uma compreensão maior de sua miséria e da grandeza do perdão de Deus (Lc 7.41-17). Assim sendo, o princípio de *orare et labutare* no ministério é fruto de um entendimento doutrinário sólido, que procura a glória do Senhor acima de todas as coisas. A preparação do pregador não é apenas intelectual, mas também espiritual, o que faz com que a oração seja um exercício imprescindível na sua vida. A oração é a parceira inseparável do ministério da Palavra (At 6.4). Dependendo de sua teologia sobre a oração, o pregador pode tanto ser motivado a dobrar-se em súplicas, como a omitir totalmente essa atividade em sua obra ministerial.<sup>65</sup> Além do mais, a frequência da leitura e meditação bíblicas está intimamente dependente das convicções doutrinárias sobre a Palavra de Deus. Até mesmo as ferramentas hermenêuticas e exegéticas a serem empregadas na preparação de um sermão possuem suas âncoras em bases doutrinárias. Desde uma perspectiva desconstrucionista, por exemplo, nenhuma dessas ferramentas é necessária, pois o significado do texto é atribuído por seu leitor antes que por seu autor. Para aqueles que crêem serem as Escrituras a Palavra de Deus e o conteúdo da verdadeira pregação o mistério revelado do evangelho (Cl 1.26), os princípios de uma hermenêutica objetiva são indispensáveis.

A própria motivação do pregador em proclamar uma mensagem tem origem doutrinária. Segundo Lloyd-Jones, “todos que crêem na supremacia da pregação sempre têm afirmado que esse foi o método usado pelo nosso Senhor para ensinar a verdade”.<sup>66</sup> Além do mais, é a convicção doutrinária de ser embaixador de Cristo que sustenta o pregador em seu ministério (cf. At 4.20; 18.9-10; 2Co 5.21 e 2Tm 1.6). Finalmente, o aspecto doutrinário da preparação do pregador pode ser visto naquele ponto tão enfatizado pelo puritano John Owen de que “um homem só prega bem um sermão aos outros quando esse sermão já foi pregado à sua própria alma.... Se a palavra não habitar com poder em nós, ela não passará com poder de nós para os outros”.<sup>67</sup>

<sup>64</sup> Apud LLOYD-JONES, *Pregação*, p. 59.

<sup>65</sup> Cf. ROSSCUP, James E. The priority of prayer and expository preaching. In: *Rediscovering expository*, pp. 63-84.

<sup>66</sup> LLOYD-JONES, *Os puritanos*, p. 380.

<sup>67</sup> OWEN, John. *The nature of a gospel church*. In: *The works of John Owen*, vol. 16, William H. Goold (Org.). Edinburgh: Banner, 1995, p. 76.

Um último tópico a ser abordado diz respeito à constatação de que *alguns argumentos comumente apresentados como justificativas para a negligência da pregação doutrinária são apenas falácias marcadas pela superficialidade*. No início deste trabalho, o dito popular “doutrina divide a igreja” foi citado como um dos argumentos usados para defender a omissão da pregação doutrinária. Esse dito, porém, não é o único argumento utilizado. Há outras falácias que são propagadas entre alguns pregadores a fim de justificar a negligência do ensino doutrinário no púlpito.

Um dos argumentos mais comuns nesse sentido é o de que sermões doutrinários são apenas aqueles que abordam um tema especificamente teológico. Parte da origem dessa concepção equivocada deve-se à prática comum em alguns seminários onde pelo menos um dos sermões a ser avaliado deve abordar um tema teológico. Todavia, todo sermão é doutrinário. Ao pregar um sermão, o pregador está ensinando uma doutrina. Ele pode até não estar consciente desse fato, o sermão pode ser uma heresia ou uma filosofia totalmente antibíblica, mas de alguma maneira é uma doutrina, boa ou ruim. A congregação dos ouvintes pode não ser capaz de definir qual doutrina é apresentada, mas grande parte dos presentes será influenciada pelo que é ensinado por aquele que ocupa o púlpito.

Outra falácia utilizada para justificar o abandono da pregação expositiva é o argumento daqueles que afirmam possuir um interesse apenas espiritual. Para esses, tudo o que importa é alimentar as ovelhas a fim de fortalecê-las para a caminhada cristã. Por mais nobre que seja a intenção desses pastores, o fato é que, como foi visto, a vida e o testemunho cristão demandam conhecimento doutrinário. Um sólido cuidado pastoral demanda um ensino doutrinário sadio, pois a verdade é excelente remédio para o coração ferido (Pv 3.21-22). Também, mesmo as pregações desprovidas de zelo doutrinário transmitem em si mesmas uma doutrina. Até a aversão a doutrinas é doutrinária, pois ensina os ouvintes a fazerem o mesmo. R. Albert Mohler Jr. parece correto em sua observação de que “a ignorância doutrinária nos púlpitos de hoje está sendo multiplicada na ignorância e indiferença doutrinária dos membros das igrejas”.<sup>68</sup> Infelizmente, mesmo aqueles pregadores que não demonstram nenhum interesse por doutrinas, estão doutrinando seus ouvintes.

Um terceiro argumento que evidencia a negligência da pregação doutrinária é o de que a igreja é mais edificada através dos cânticos espirituais do que das pregações sobre temas complexos. Talvez seja esta uma das razões pelas quais, com o declínio da pregação, tem-se dedicado um tempo maior aos cânticos e hinos espirituais durante os cultos públicos. Essa situação é preocupante por dois aspectos. Primeiro, porque os defensores desse argumento se esquecem do fato de que cânticos e hinos são meios de propagação doutrinária. Eles são doutrinas cantadas. Em alguns casos, porém, a doutrina

<sup>68</sup> MOHLER, *Feed my sheep*, p. 23.

transmitida por esses veículos é de péssima qualidade, chegando até mesmo a constituir-se em heresias, quando comparadas com o ensino das Escrituras. O segundo aspecto preocupante a esse respeito é o fato de que a suplantação da pregação pelos cânticos exclui o instrumento central de instrução do povo de Deus. Como disse Lloyd-Jones “a pregação é muito mais importante do que a liturgia e longos cultos litúrgicos, porque a pregação ensina as pessoas a orar [e a adorar]”.<sup>69</sup> A música, em si, pode ser um excelente instrumento para gravar uma doutrina na mente de uma pessoa, quer seja ela verdadeira ou falsa.

Por último, há a falácia de que o seminário seja o local adequado para se estudar doutrinas. A igreja, nesse caso, seria apenas para o exercício da vida cristã. Como já foi visto neste estudo, porém, a *praxis christiana* divorciada da *doctrina christiana* pode resultar, até mesmo, em um movimento anticristão ou em uma seita. As epístolas de Paulo revelam um homem que refletia teologicamente ao longo do seu ministério, de sua missão e vida cristã. Caso Paulo tivesse limitado sua reflexão doutrinária apenas ao período em que esteve ensinando em uma escola teológica, provavelmente só teríamos os seus escritos do período em que ele esteve na escola de Tirano, em Éfeso, pois é o mais próximo que temos de um seminário ou instituto bíblico no Novo Testamento (At 19.8-20). A instrução doutrinária não é privilégio de um grupo seletivo apenas, mas de cada um que quer crescer na graça e no conhecimento do Senhor (2Pe 3.18).

Muitas outras falácias poderiam ser analisadas quanto à superficialidade de seus argumentos. Os exemplos acima, todavia, parecem suficientes para demonstrar a íntima conexão existente entre o púlpito e a doutrina, até mesmo sob uma consideração prática. Assim, o exemplo histórico, a reflexão teológica e a consideração prática parecem unânimes em demonstrar a importância do púlpito como um instrumento de doutrinação cristã.

### CONCLUSÃO

Comentando uma produção cinematográfica sobre a vida de Lutero, R. C. Sproul destaca o momento em que, após a Dieta de Worms, tendo sido levado por seus amigos para um esconderijo no Castelo de Wartburg, Lutero deixou a barba crescer e assumiu a identidade de um distinto cavaleiro. Naquele castelo, Lutero entregou-se completamente à tradução da Bíblia para o alemão. Enquanto estava escondido no castelo, o colega de Lutero, Carlstadt, zeloso por levar avante a obra da reforma, passou a invadir templos católicos e a destruir algumas obras de arte sacra. Ao ouvir sobre as atividades do seu amigo, Lutero ficou estarrecido. Ele queria a reforma, mas não uma revolta religiosa. Mesmo tendo sua cabeça a prêmio, Lutero rumou para Wittenberg. A cena do filme, destacada por R. C. Sproul, retrata a chegada de Lutero a uma sala de Wittenberg onde Melancton e Carlstadt estavam reunidos. Surpresos, os dois se voltaram para o reformador e perguntaram: “Irmão Lutero,

<sup>69</sup> LLOYD-JONES, *Os puritanos*, p. 386.

o que fazes? Porque estás aqui?” Sem maiores explicações Lutero respondeu: “Quero meu púlpito de volta!”<sup>70</sup> Não se pode precisar a historicidade dessa cena, mas ela verdadeiramente retrata o zelo dos reformadores pela pregação, bem como a convicção dos mesmos de que a verdadeira reforma da igreja se daria não por outros caminhos, mas pela exposição da Palavra de Deus. Semelhantemente, pode-se afirmar que a pregação doutrinária não foi importante apenas para a Reforma Protestante, mas também para a revitalização da igreja contemporânea.

O presente estudo partiu de uma constatação de que a verdadeira pregação doutrinária tem sido negligenciada e até mesmo desprezada pelo cristianismo contemporâneo. O autor analisou a importância dessa pregação à luz de considerações históricas, teológicas e práticas. Cada tópico analisado apontou para a interdependência existente entre o púlpito e a doutrina cristã.

O caminho da reforma sempre parece mais árduo e demorado. Nem por isso ele deve ser prontamente abandonado. Talvez a primeira coisa a ser feita seja resgatar a centralidade da pregação no culto público. À luz de 1 Coríntios 1.21, pode-se afirmar que a pregação é o meio divino para desmascarar a tolice do mundo e manifestar a sua sabedoria àqueles que o conhecem. Além do mais, a palavra proclamada é o meio divino para converter e gerar a fé salvadora nos corações humanos (Rm 10.17). Logo, a pregação deve ser restaurada à sua posição central no culto público.

Outra atitude a ser tomada nesse caso diz respeito à vida de estudo e preparo do pregador. Em algumas ocasiões, a tirania da urgência, tão comum no ministério pastoral, é suficiente para manter o pregador afastado de seus estudos e levá-lo a pregar apenas mensagens elaboradas apressada e pobremente. Em outros casos, como já advertia A. W. Pink, a preguiça do pregador, sua busca de popularidade e sua abordagem evangelística superficial são responsáveis por se tornar a pregação doutrinária uma “rara exceção” nos púlpitos contemporâneos.<sup>71</sup> Um dos problemas nesses casos é que, até mesmo de forma inconsciente, o pregador pode estar passando a idéia de que o estudo das Escrituras não é realmente importante para a vida cristã. Talvez seja esta uma das razões pelas quais o “cristianismo moderno possui quilômetros de extensão e apenas alguns centímetros de profundidade”.<sup>72</sup>

Finalmente, os pregadores doutrinários devem cuidar para que suas pregações apresentem bem mais do que elucubrações filosóficas áridas e insípidas. A doutrina apresentada deve sempre vir acompanhada de aplicação prática, algo que revele o propósito do seu ensino e que justifique a atenção do

<sup>70</sup> SPROUL, R. C. The teaching preacher. In: *Feed my sheep*. Mohler, JR., et al. Morgan, PA: Soli Deo Gloria Publications, 2002, p. 130.

<sup>71</sup> PINK, A. W. *Why doctrinal preaching declines*. Disponível em: <<http://www.graceonlinelibrary.org/sermons/preaching.asp>>. Acesso em 09 dez. 2003.

<sup>72</sup> PACKER, J. I. *Na dinâmica do Espírito*. São Paulo: Vida Nova, 1991, p. 10.

ouvinte. Nas palavras de Jay Adams, “a pregação não é meramente a proclamação da verdade, mas a verdade aplicada”.<sup>73</sup> A aplicação justifica e reveste de propósito a exposição da verdade. O sábio pregador doutrinário mostrará aos seus ouvintes como extrair consolo das grandes doutrinas da fé cristã, como encontrar subsídios para o desempenho de sua missão evangelística e como encontrar incentivos para a sua jornada rumo à Jerusalém celestial.

A verdadeira pregação envolve o ensino, a comunicação doutrinária em prol da renovação e transformação da mente e coração humanos. Assim, resta ao zeloso pregador orar como Moisés: “Goteje a minha doutrina como a chuva, destile a minha palavra como o orvalho, como chuveiro sobre a relva e como gotas de água sobre a erva. Porque proclamarei o nome do Senhor. Engrandecei o nosso Deus” (Dt 32.2-3).

#### **ABSTRACT**

There is a tendency among contemporary evangelical Christians which is quite disturbing. It is an apparent general dislike of “doctrinal preaching”. Many seem bored with the careful exposition of Scripture. Others have unofficially rebelled against preaching that “contends for the faith that was entrusted to the saints” on the dubious grounds that it is too negative or controversial. There are also those who argue that doctrinal preaching is irrelevant, or at least less relevant to modern, everyday needs. As a result, several evangelical churches have not resisted the temptation of turning the pulpit into a theater and the church building into a place for entertainment. And, more tragically still, some preachers have failed to see how doctrine touches and profoundly affects the Christian’s spiritual and moral formation.

This article was written based upon the assumption that doctrinal preaching provides the foundation of all true Christian experience. Christian doctrines are nothing less than the truths of Christianity. The author emphasizes the strong bond existent between the evangelical pulpit and doctrine. Since the pulpit in the evangelical tradition is the central instrument of teaching, it also becomes an instrument of indoctrination of the saints. In order to make his argument clear, the author appeals to the testimony of church history, theological reflection, and practical considerations. At the end, he offers a few suggestions towards the development of doctrinal preaching that is both biblical and relevant to the present context.

#### **KEY WORDS**

Pulpit, preaching, doctrines, preacher, pastoral ministry, teaching, history of preaching, theological reflection and practical considerations.

---

<sup>73</sup> ADAMS, Jay E. *Truth applied: Application in preaching*. Grand Rapids: Zondervan, 1990, p. 39.